



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E
DIVERSIDADE DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS CAMPUS I CAMPINA GRANDE-PB**

ANA PAOLA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS DE ADULTOS:
APRENDENDO, FAZENDO E COLORINDO A CIDADANIA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2013**

ANA PAOLA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS DE ADULTOS:
APRENDENDO, FAZENDO E COLORINDO A CIDADANIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Professora Ma. Adriana de Fátima Meira Vital.

**CAMPINA GRANDE - PB
2013**



S586e Silva, Ana Paola da.
Educação de Jovens e Adultos: aprendendo, fazendo e colorindo a cidadania. / Ana Paola da Silva. - 2013.

34 f.

Orientadora: Professora Dra. Adriana de Fátima Meira Vital.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Ciências e Tecnologia; Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Educação em solos. 3. Arte com terra. 4. Geotinta. 5. Pintura com terra. 6. Arte e Educação de Jovens e Adultos. 7. Processo de ensino-aprendizagem - EJA. I. Título. II. Vital, Adriana de Fátima Meira.

CDU: 374.7(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ANA PAOLA DA SILVA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS DE ADULTOS:
APRENDENDO, FAZENDO E COLORINDO A CIDADANIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dra. Adriana de Fátima Meira Vital.
Orientadora – UFCG**

**Professora MsC. Sonia Maria Lira Ferreira.
Examinadora**

**Me. Ubiratan Nóbrega Borges.
Examinador**

**CAMPINA GRANDE - PB
2013**

DEDICATÓRIA

A Deus,

por dar cores a minha vida,

por dar razão a minha existência,

por estar sempre ao meu lado, em todas as decisões.

AGRADECIMENTOS

A todos.

A Deus, por ter me dado forças e iluminado meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida

A minha família, em especial, a minha avó, pelo apoio e dedicação dispensados.

Aos amigos do curso, aos coordenadores e aos professores. Muito agradeço por levar pelo resto da minha existência a experiência vivida, o aprendizado adquirido e, principalmente, a possibilidade de poder repassar conhecimento às novas gerações.

À minha orientadora pelo cuidadoso olhar para o solo, despertando consciências e aos membros da banca.

O meu reconhecimento a Fred Ozanan, pelo incentivo sempre presente.

A Suélio

A todas as pessoas que de alguma forma estiveram envolvidas neste trabalho e que não foram citadas, meus sinceros agradecimentos.

Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê. (Marcos 9:32)

RESUMO

Conhecer o solo e descobrir a vocação para o trabalho a partir da sala de aula se constitui numa etapa importante do aprendizado, onde as questões do mundo, do trabalho, as descobertas a partir do meio ambiente e a aplicação prática dos resultados, constituem um ciclo virtuoso de vivência educacional importante. Esta pesquisa objetivou apresentar, desenvolver e colocar em prática experiências vividas em sala de aula, através da atividade lúdica de pintura com tinta de solo (geotinta) para estimular o desenvolvimento da capacidade motora e criativa do aluno da EJA, usando terra como matéria-prima, manipulada artesanalmente, numa proposta sustentável, fazendo-os perceber que a geração de renda pode estar muito próxima da sua realidade, em lugares em que menos se espera e sem impactar o meio ambiente. O trabalho desenvolveu-se em duas etapas: aplicação de um questionário para entender a percepção e o conhecimento dos alunos sobre o solo, apresentação de palestras educativas sobre a temática e organização de uma vivência de pintura com tinta de terra, evidenciando uma das potencialidades do recurso natural trabalhado em sala de aula. Os resultados mostram a dimensão particular do trabalho na EJA que extrapola os limites da escola e melhora as condições da população excluída, destacando o trabalho como princípio educativo e a valorização do solo como base para a luta e o empoderamento. No desenvolvimento da educação para a cidadania são estimulados através de palestras, seminários, aulas práticas e noções de direitos humanos, vinculando as possibilidades de conservação do meio ambiente, luta contra a pobreza e a desigualdade que se agregam ao desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Educação em Solos; Arte com terra, EJA, Empoderamento.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1	A EDUCAÇÃO NA EJA.....	11
2.2	HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	12
2.3	O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA.....	13
2.4	SOLIDARIEDADE, FORÇA DE TRABALHO E CIDADANIA.....	15
2.5	EJA NO SEMIÁRIDO NORDESTINO.....	18
2.6	O HOMEM, A ARTE E O VALOR DA TERRA.....	20
2.7	PINTURA DANDO FORMA À CIDADANIA.....	21
3	METODOLOGIA.....	23
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	23
3.2	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	24
3.2.1	Palestras educativas.....	24
3.2.2	Vivência de Pintura com Tinta de Terra.....	25
3.2.3	Apresentação dos dados e sua análise.....	26
3.2.4	Interpretação dos resultados do questionário.....	26
3.2.5	Considerações sobre as palestras e vivência de pintura.....	30
4	CONCLUSÕES.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Quando o Governo Federal introduziu a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pensou numa modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da Educação Básica. A educação básica é o caminho para assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

O mundo atual é repleto de letras e números e se tornava inadmissível manter quase que excluídos uma considerável parcela da população que não tiveram acesso ao letramento e que mesmo alcançando a idade adulta estão limitados em suas ações cotidianas pela falta de leitura, resumidos a subempregos e dependência total quando se trata de informação. O EJA surgiu no Brasil como suporte em que professores e educadores trabalham em parceria com o sistema educacional oficial, ajudando os alunos na transição entre o desconhecimento e o saber. O resultado ajuda na socialização, além de ser um instrumento de resgate para a nossa cultura.

As Diretrizes Curriculares Nacionais ressaltam que os cursos em tempo parcial noturno devem estabelecer metodologias adequadas as idades, a maturidade e a experiência de aprendizagem, para atenderem aos jovens e adultos em escolarização. Essa regra aproxima o saber necessário ao grau de conhecimento do aprendiz, estabelecendo um coerente elo que dinamize o aprendizado para os alunos da EJA.

Nesse cenário pode-se compreender que a EJA busca caracterizar uma nova concepção de educação, que envolve, além da alfabetização, o desenvolvimento integral do aluno, possibilitando ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar suas competências, valorizando suas experiências, opiniões e história de vida.

Trabalhar com os estudantes do EJA requer o entendimento de suas necessidades, dificuldades, limitações, assim como suas potencialidades e habilidades. A presença estabelece o apoio, faz nascer um ambiente de amizade e de auxílio mútuo, em que a interação entre ambos é estimulada. Ao adotar essa postura, o professor leva a turma a compartilhar valores e interesses, promovendo a afinidade tão necessária.

Sempre proponho atividades voltadas à cooperação, pensando em diferentes possibilidades, formando grupos de interesses heterogêneos, valorizando-os sem nunca compara-los. A economia solidária vem acrescentar e promover o fortalecimento estratégico de enfrentamento da exclusão e da precarização do trabalho, sustentada em formas coletivas de

geração de trabalho e renda, e articulada aos processos participativos e sustentáveis de desenvolvimento.

Na sala de aula, poucos são os materiais didático-pedagógicos encontrados especificamente destinados a EJA, o que torna relevante que o educador adapte suas aulas e busque materiais que sejam particularmente interessantes e que correspondam as expectativas e necessidades do educando jovem e adulto e que possa solucionar as microssituações de aprendizagem apresentadas em sala de aula.

Além disso, é relevante inserir a discussão e o debate sobre os caminhos da vida, procurando contextualizar os noticiários, as novidades, o cenário atual por assim dizer, para que o ambiente da sala de aula seja atrativo e promova uma maior compreensão de conceitos repassados, facilitando o processo de ensino/aprendizagem e propiciando maior interação e identificação dos mesmos com este processo e o conhecimento. Uma sala de aula na EJA que traga essa característica torna as aulas mais dinâmicas e interativas.

Voltando-se para o mundo hoje, nos deparamos que o atual cenário das dificuldades vivenciadas por quase a totalidade dos alunos da EJA, dialogar sobre a possibilidade de aquisição de habilidades e desenvolvimento de atitudes que indiquem caminhos para estabilidade econômica, pela oportunidade de trabalho termina por cair no marasmo pois inexiste a necessária sintonia entre a vida real e o que eles possam pensar para o futuro. Combater a pobreza requer o desenvolvimento da economia, abrigando desde grupos informais de artesanato até cooperativas de agricultores ou redes e cadeias produtivas, vez que estas formas coletivas baseadas na cooperação entre os membros, buscam através da solidariedade a instituição de iniciativas econômicas de geração de trabalho e renda.

Considerando a necessidade de despertar nos alunos a noções de valorização pelo trabalho solidário, pelos recursos naturais, em especial pelo solo, focando sua importância a partir da compreensão das diversas funções que exerce para manutenção a vida, como asseveram diversos estudos (Muggler et al., 2006; Lima et al., 2007) ao falarem da importância da Educação em Solos como processo pedagógico continuado, o presente trabalho objetiva apresentar a arte da pintura com tinta de terra - tecnologia social de elevado valor ecológico, ambiental, econômico, cultural e social - como oportunidade de geração de trabalho e renda numa turma de EJA.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO NA EJA

Educar no EJA envolve todas as dimensões do saber humano: enriquecer a capacidade de vivência, assumir o compromisso com a vida, compartilhar experiências com o próximo e motiva-los a buscar um mundo novo através do ler e escrever.

Ao prepararem-se cidadãos para o mundo, pretende-se também, aproxima-los da família, fazendo-os interagir com a comunidade e o meio ambiente em que estão inseridos. Isso implica dizer que, ao formar pessoas para gerar transformações o professor do EJA além de livros e cadernos, deve possuir também outro grande aliado: o coração!

Relatos apontam que ao longo da carreira como professores do EJA há sempre muitos ganhos dos dois lados: mas geralmente aprende-se muito mais do que se ensina: a viver com as desigualdades; a ser tolerante com a indiferença; a superar adversidades; a respeitar o tempo de cada pessoa, o jeito de ser e a individualidade; a dividir atenção e a falar docemente sem ser infantil; a compreender as necessidades de cada um; a trazer uma palavra de conforto e um olhar de atenção. Enfim, aprende-se a viver o EJA.

Construir relações interpessoais através do diálogo não significa reduzir a sua força disciplinadora, elas estabelecem sim um respeito muito maior, pois está agregado ao diálogo.

A escola deve ser um espaço que materializa a busca pela educação e inclusão (CURY, 2002; DOURADO et al., 2007). A presença da educação é relevante para o sucesso de qualquer projeto social do País, pois é pela educação que podemos construir uma consciência crítica e cidadã, onde os alunos poderão pensar na sociedade de forma coletiva, proporcionando subsídios para que a sociedade possa vencer as barreiras da exclusão social, do desemprego e da desumanização.

Finalmente, é preciso acreditar que somos capazes de aprender, de criar, de amar, de sonhar, de desejar. Ter uma nova perspectiva de mundo e a certeza de alcançar o objetivo estabelecido. Não se aprende com qualquer um. Para aprender é necessário, de certa maneira, identificar-se com aqueles que ensinam. (FREIRE, 2008).

Para se formar bem, o professor precisa ter paixão de ensinar, ter compromisso, sentir-se feliz aprendendo e ensinando. Ser humilde, ouvir, trabalhar em equipe, ser solidário. (GADOTTI, 2010). Na EJA, sobretudo, é preciso a compreensão por parte dos professores de que os alunos vivenciam problemas de preconceito, discriminação, vergonhas, críticas, falta de aceitação, cansaço, dentre outros e que essas questões são vivenciadas no cotidiano e trazidas

para a sala de aula. O grande desafio é perceber que é possível contribuir com sua formação, evidenciando que a EJA é uma possibilidade de formação cidadã capaz de mudar significativamente a vida das pessoas, possibilitando-lhes uma nova leitura da vida e a transformação para que reescrevam sua própria história de vida (CHAUI, 2001; ARROYO, 2001).

2.2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A história da EJA no Brasil está muito ligada a Paulo Freire e a sua proposta de educação libertadora. Relatos indicam que o Sistema Paulo Freire desenvolvido inicialmente em Angicos (RN) na década de 60, expandiu-se, dado ao sucesso da experiência e passou a ser conhecido em todo País, sendo praticado por diversos grupos de cultura popular. Essa experiência teve no seu processo de formação o entendimento da relação de domínio e humilhação estabelecida historicamente entre a elite e as classes populares no Brasil.

Remontando a história encontra-se na Constituição de 1934 a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação de adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos.

Na década de 70 teve início, sob a ditadura militar, as ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização o MOBRAL, que era um projeto para se acabar com o analfabetismo em apenas dez anos.

No início dos anos 80 o MOBRAL foi extinto, sendo substituído pela Fundação Educar. O contexto da redemocratização no País possibilitou a ampliação das atividades da EJA. Estudantes, educadores e políticos organizaram-se em defesa da escola pública e gratuita para todos.

A Constituição de 1988 trouxe importantes avanços para a EJA: o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, passou a ser garantia constitucional também para os que a ele não tiveram acesso na idade apropriada. Em janeiro de 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo governo federal, sendo criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, com a meta de erradicar o analfabetismo no País com o suporte do Programa Brasil Alfabetizado, no qual a assistência era direcionada ao desenvolvimento de projetos com as seguintes ações: Alfabetização de Jovens e Adultos e Formação de Alfabetizadores.

Embora numa concepção que nasce da relação ente senhor e escravo, como favor e não como pagamento de uma dívida social e a institucionalização de um direito (CURY, 2000) a EJA com suas finalidades e funções específicas, vem tentando caracterizar uma nova concepção de educação em que se deve buscar além da alfabetização, o desenvolvimento integral do aluno, possibilitando ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolvendo suas habilidades, competências, valorizando suas opiniões e história de vida.

2.3 O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

A educação é o maior e melhor instrumento gestor de mudança, e ao longo da vida percebemos que só através dela o homem consegue compreender melhor a si mesmo e ao mundo em que vive. com ela sobrevive às barreiras e para ela projeta novos e ilimitados objetivos. Ela é o instrumento que nos permite desbravar um mundo novo... Como forma de esclarecimento, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de educação básica, que de acordo com a Lei de Diretrizes Básicas (LDB 9.394-96, Art.37 e Art.38) oferece ensino aqueles que não tiveram oportunidade frequentar uma escola em tempo hábil, assegurando assim aos trabalhadores o acesso ao aprendizado e novas formas de conhecimento.

Na Constituição Federal de 1988, Seção II - DA EDUCAÇÃO (arts. 205 a 214) reza o texto que ‘‘A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho’’.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º explicita que:

“Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

Assim, a LDB reiterou os direitos educativos dos jovens e adultos ao ensino, adequando suas necessidades e condições de aprendizagem, estabelecendo as responsabilidades dos entes federados na identificação e mobilização da demanda, com garantia ao acesso e a permanência. A EJA passou a ser uma modalidade da Educação Básica (DI PIERRO, 2010).

A concepção dos objetivos propostos e das capacidades a serem desenvolvidas, depende de uma prática educativa que tenha como eixo a formação de um cidadão autônomo e participativo. Essa prática pressupõe que os alunos sejam sujeitos de seu processo de aprendizagem e que construam significados para o que aprendem, por meio de múltiplas e

complexas interações com os objetos de conhecimento, tendo, para tanto, o professor como mediador.

A escola não pode tudo, mas pode muita coisa, principalmente, quando se trata de alunos que muitas vezes estão à margem da sociedade, que trazem para escola as marcas das dificuldades de toda ordem, que precisam do conhecimento e do apoio que a escola pode lhe oferecer para conquistar uma melhor condição de trabalho e, por consequência, de vida.

Segundo Freire (1996), ao ensinar, o educador está formando cidadãos críticos, participativos e tolerantes. O avanço da aprendizagem e da reflexão liberta o aluno do lado obscuro do mundo, que seria em si a educação libertadora, fortalecendo assim os laços de solidariedade e cidadania. Buscar o resgate da cidadania é, teoricamente, uma proposta desafiadora que deveria ser injetada nas escolas como princípio de inclusão. A mudança social, política e histórica acontece do próprio ser humano, que se encontra com a transformação dos outros seres humanos que estão ao seu lado.

Desta forma esta modalidade de ensino ganha novos contornos e novos olhares, onde a questão da alfabetização, a globalização, a diversidade ganham novas formas no mundo globalizado, trazendo à tona as responsabilidades do Estado e da sociedade civil para com este setor da educação.

Atualmente é grande a preocupação com a EJA tendo em vista a necessidade de um processo educativo específico para seus alunos onde seja possível o acesso as novas tecnologias e a motivação para práticas outras senão, apenas, a educacional. Capacitar o aluno EJA para o exercício pleno da cidadania é também capacitar a escola em outro grau de desempenho. Além da alfabetização propriamente dita, a educação deve ser dar de uma forma ampla em que envolva a escola, a família, a sociedade e o poder público, para que todos caminhem juntos numa mesma direção em busca de uma melhor qualidade de ensino.

Nesse cenário situa-se o ensino de Geografia, disciplina que por sua abrangência temática possibilita uma leitura crítica do mundo, já que o seu objeto de estudo é a sociedade, o espaço geográfico e até o planeta como um todo. Assim, a Geografia como uma ciência dinâmica, exerce um papel social relevante envolvendo aspectos físicos e principalmente humanos que devem ser adequadamente socializados com os alunos da EJA e de maneira atrativa, sem pieguismos. Preparar a comunidade escolar para perceber e preservar o meio ambiente, despertando um novo olhar para os recursos naturais deve ser proposta presente em todas as disciplinas da EJA, mas com maior ênfase em Geografia.

Neste momento de grande transformação na educação brasileira é necessário repensar a prática pedagógica para possibilitar a construção de uma verdadeira educação que ultrapasse os

limites dos muros da escola, principalmente no caso da EJA que, por sua característica de modalidade educativa, atende a um público singular, constituído em sua grande parte, de pessoas fora da faixa-etária escolar além de tantos outros já inseridos no mercado de trabalho.

O fato é que a competitividade do mundo globalizado exige um cidadão cada vez mais qualificado sob pena de ficar alijado do processo produtivo e, neste contexto, a EJA apresenta como uma possibilidade que efetivamente vai contribuir para alargar o caminho e o desenvolvimento de pessoas de todas as idades no universo da educação. Planejar esse processo se constitui num desafio de imensa responsabilidade social.

2.4 SOLIDARIEDADE, FORÇA DE TRABALHO E CIDADANIA

O sentido do termo solidariedade quando se trabalhada na EJA vai mais além do que paternalismo, pois deve compreender o comprometimento do trabalho coletivo, cooperativo, comunitário e que remete a uma nova ética nas relações humanas, nova ética nas relações laborais, econômicas e comerciais, a força do trabalho e suas possibilidades e a formação cidadã, ao fortalecimento da cidadania ativa.

Segundo Arruda e Quintela (2000), Singer define a Economia Solidária é uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano, e não do capital, de base associativista e cooperativista, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida.

A economia solidaria ganhou forte significado nas ultimas décadas, apresentando-se como alternativa para uma grande parcela da população desassistida que se encontra totalmente fora nas regras do mercado capitalista (SINGER, 2000). Desta forma, a expressão economia solidaria, vem sendo utilizada para designar uma grande diversidade de atividades econômicas a partir dos princípios de solidariedade, seja pela recriação de praticas tradicionais, seja pela formas inovadoras que se encaixa as necessidades de significativa parcela da população, que nela encontra o meio oportuno para ingressar no campo da produção e, por consequência, no econômico.

A economia solidária é hoje o sustentáculo de famílias que, nas suas formas associativas, apresentam positivos resultados com espaço de luta, de construção, de reflexão e de trabalho diário. Ela é ponto importante nas políticas públicas por representar um ponto de convergência de interesses comuns que fortalecem o Estado no que se relaciona a expansão da economia, das experiências comuns concretas, empreendimentos econômicos solidários e da crescente opção

dos movimentos sociais, sindical, universidades e organizações populares por uma forma de luta social, a partir da organização econômica das pessoas (TESCH, 1999).

Fortalecida numa base onde o cuidado com o meio ambiente e a responsabilidade com as gerações futuras fazem parte da vivência de uma forma direta, a economia solidária, cada vez mais respeita a sua forma de produção, de consumo e de distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano.

Nos dias atuais, é evidente a necessidade cada vez maior na busca de um mundo sustentável. Faz-se necessário que, além de todas as preocupações ambientais, também haja o sentimento de solidariedade entre as pessoas. O termo solidariedade tem se tornando cada vez mais popular ganhando um precioso espaço na sociedade atual, surgindo como alternativa em busca de um futuro melhor, chegando às comunidades impulsionado pelo sentido de mobilização e neste contexto, a certeza maior é que as ações que são estimuladas hoje, serão as mesmas que podem fazer diferença no futuro próximo.

São necessárias novas maneiras de pensar e de agir. Dar o primeiro passo se torna essencial para que o mundo seja mais justo, o meio ambiente equilibrado e a escola, através da educação tem tudo a ver com isso. Sustentabilidade é a relação com as coisas, às ações de cada um que repercutem na família, na escola, no bairro, e na cidade. Assim, podemos pensar que a sustentabilidade buscada não é uma propriedade individual, mas uma teia completa de relacionamentos de interesse coletivo.

O processo educacional faz parte de um momento importante na formação do indivíduo, atuando muito próxima da formação do caráter cidadão, a sua responsabilidade vai muito além do ambiente escolar quando cria condições para o desenvolvimento da personalidade futura do aluno, fazendo refletir nas suas atitudes, práticas e valores pessoais e humanos.

O redimensionamento dos princípios ou valores humanos é essencial para que mais pessoas vivam num ambiente harmônico e respeitoso. É preciso pensar na relação entre as pessoas, compartilhar oportunidades e discutir novos pilares sobre tudo que está ao nosso redor. Em sala de aula o ambiente a ser criado deve externar esse princípio, moldando o pensamento e a conduta dos mais jovens para esse universo marcado pela complexidade de interesses e ações.

A escola na sociedade representa o ambiente propício para a formação do indivíduo. Se o ambiente escolar é agradável e respeitoso, os alunos levam para casa e para sua vida esses ensinamentos. O aluno deve aprender desde cedo a importância da terra e os meios pelos quais deve preservá-la, isso é o caminho primeiro para a conscientização coletiva, para a descoberta de um mundo mais equilibrado e a perpetuação de um ambiente saudável. Essa

conscientização vai fazer com que cada um possa tirar proveito do ambiente natural, deve fazer uso, respeitando as suas características e, principalmente, usar sem destruir. Isto sim é um exemplo de desenvolvimento sustentável.

A Educação Ambiental e Cidadã devem ter por objetivo informar e sensibilizar as pessoas sobre os problemas existentes em sua comunidade, buscando transformar essas pessoas em indivíduos que participem das decisões sobre seus futuros, exercendo, desse modo, o direito à cidadania, indispensável no processo de desenvolvimento sustentável (GADOTTI, 2009). Deve contemplar formas de manutenção da limpeza do ambiente, práticas na agricultura, formas de evitar desperdícios com água e alimentos, maneiras de elaborar campanhas ambientais-cidadãs e informações sobre como dispor dos serviços existentes relativos ao meio ambiente e à vida na cidade e tudo isto deve ser ensinado na escola.

O ser humano busca melhorar-se enquanto ser em construção e o processo educativo favorece isso quando se torna humanizados, neste processo percebemos que as pessoas são incompletas e estão em relação com o mundo e com as outras pessoas, isso leva a transformação e a libertação.

O princípio da educação, a sua essência, a sua consistência e o seu direcionamento se dá visando a formação do cidadão. A ele se deve aplicar um sem número de regras, pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, enfim, um sistema gerador de vidas e construção saudável do ser humano. Por isso é que a educação é um fenômeno ao mesmo tempo individual e social. A educação como prática social envolve objetivos e meios estabelecidos conforme a direção que se quer imprimir a ela pelos diferentes grupos sociais que disputam interesses na sociedade (LIBÂNIO, 1995). Além de ser um fenômeno social, a educação é revestida de um caráter histórico e político, atividades que acontecem em grupos, em espaços e tempos determinados e que sofrem modificações em função da dinâmica das relações de poder na sociedade moderna.

Cada ano a mais de vida de qualquer ser, representa não só um aperfeiçoamento cultural e intelectual, mas principalmente, o meio pelo qual o indivíduo necessita viver numa sociedade competitiva e de resultados. O aprendizado não se prende a um tempo específico, ele deve acompanhar o ser humano por toda a sua existência. Partindo dessa filosofia percebe-se que a EJA pode contribuir para a qualificação cidadã de seus alunos, potencializando suas habilidades de sujeitos interventores, autônomos, construtores e solidários, e para que realmente possa cumprir seu papel nesse novo cenário.

2.5 EJA NO SEMIÁRIDO NORDESTINO

A região Nordeste expõe características históricas que a coloca no plano das adversidades climáticas, estruturais e humanas, motivos de sobra pelos quais superação passa a ser palavra de ordem no cotidiano dos seus habitantes que, dia após dia, buscam novas possibilidades para sobrevivência e graças a essa parcela da população nordestina a transformação se estabelece ao romper com o paradigma de que o Nordeste brasileiro é um lugar de seca, fome e miséria, mostrando outro lado que expõe uma riqueza cultural, e sim, belezas naturais exuberantes e diversidade de valores humanos.

O Nordeste brasileiro é composto por nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Sua área, segundo INSA (2012) é de 1.561.170 km². Segundo dados oficiais do Ministério da Integração, o Semiárido brasileiro abrange uma área de 969.589,4 km² e compreende 1.133 municípios de oito estados do Nordeste mais Minas Gerais. Nessa região, vivem 22 milhões de pessoas, que representam 11,8% da população brasileira, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012). É o semiárido mais populoso do planeta (silva, 2008).

O clima semiárido diz respeito é um tipo de clima caracterizado pela baixa umidade e pouco volume pluviométrico. Na classificação mundial do clima, o clima semiárido é aquele que apresenta precipitação de chuvas média entre 200 mm e 400 m.

O Semiárido nordestino tem a maior parte do seu território coberto pela Caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro -, rico em espécies endêmicas. A composição da Caatinga não é uniforme em toda a sua extensão, surgindo como uma verdadeira colcha de retalhos, com grande variedade de paisagens, de solos, de espécies animal e vegetal, nativas e adaptadas, com alto potencial e que garantem a sobrevivência das famílias agricultoras da região. Outra característica da região é o déficit hídrico e a necessidade de se conviver harmoniosamente com as condições de estiagem.

Essa diversidade de características é de fundamental importância para a compreensão das relações sociais ali estabelecidas, a integração se dá, principalmente, através dos povos baseada em situações de interesse comum onde a questão de água de qualidade e de solo fértil é uma das prioridades.

As dificuldades se acumulam de tal forma que, nem mesmo água que é um elemento básico na natureza humana, o nordestino consegue com facilidade. Aliada a essa carência social, que se agrava com a indiferença política, cujas atitudes oportunistas fazem surgir a falta de oportunidade para qualquer outro tipo de atividade se não a do regime semiescravo da terra.

Tirar do nada a sobrevivência se aplica como uma regra inabalável. O que dizer e esperar de uma imensa parcela da população que é mantida à base de ajudas oficiais, de programas assistencialistas que fazem com que, se ganhe um pouco depois de perder muito.

O Nordeste se caracteriza também por uma série de enganos típicos de governos descompromissados com a região, que parecem ignorar longos e seguidos períodos de estiagem e o sacrifício que a omissão administrativa impõe a milhões de nordestinos. No contexto desse quadro adverso surge a criatividade e o espírito inventivo de um povo cuja determinação se junta a uma fé inabalável, fazendo ressurgir esperança, e acima de tudo, descobrindo com a sua intuição para novas oportunidades de trabalho, reforçando a vontade de permanecer na terra e dela tirar o sustento.

O fato é que o fenômeno da estiagem do Nordeste, alardeado como seca no imaginário popular, com todas as suas implicações e consequências se transforma em um problema político, o que permite refletir sobre a urgência da discussão sobre a convivência harmoniosa com as condições climáticas locais. Somente o conhecimento da realidade da região pode promover a valorização. Solo, minerais, água, fauna, flora e o ser humano, eis o Nordeste, com sua dinâmica própria, suas características e particularidades, suas limitações e potencialidades.

O solo é de relevância indiscutível para a atividade humana, especialmente quando se considera as condições adversas do Semiárido nordestino, pois é dele que o camponês retira seu sustento por representar a base de uma estrutura imensamente maior por garantir ao homem a subsistência, a reprodução, a renovação, o trabalho, a vida.

No semiárido paraibano, ocorrem solos muito jovens em sua maioria, classificados pelo Sistema Brasileiro de Classificação dos Solos (EMBRAPA, 2006) como Neossolos, Luvisolos, Cambissolos Planossolos, Vertissolos e Argissolos, em sua maioria. Cada uma dessas ordens apresenta características e especificidades que lhes são particulares e cujo entendimento é fundamental para que seu uso se dê de maneira sustentável.

Conhecer suas características e potencialidades permite ao homem e a mulher do campo interagir, usar, manejar e explorar este recurso de maneira adequada. Ao possuir a capacidade de se transformar em matéria prima, o solo é convertido em formas diversas com base na imaginação do homem que proporciona o milagre da transformação externando a enorme riqueza natural que nos serve de base para a vida (CAPECHE; ANJOS, 2010).

Contudo, como o processo de ensino-aprendizagem não exclui a participação na formação da cidadania ativa, considerar igualmente no diálogo os caminhos do desenvolvimento, as discussões sobre a sustentabilidade ambiental, a degradação dos recursos naturais, a valorização dos saberes e fazeres é extremamente relevante, sobretudo quando se

considera a perspectiva da convivência com as condições de semiaridez, especificidade da região Nordeste. Por isso é forçoso evidenciar a Educação em Solos e seus princípios como prática constante de ressignificação da importância do solo, para construir e reconstruir valores.

A Educação em Solos pauta-se pela sensibilização das pessoas para a relevância do solo na vida e pela urgência de mudança de posturas no cuidado com o solo, base da vida.

2.6 O HOMEM, A ARTE E O VALOR DA TERRA

A arte é uma das manifestações mais antigas do ser humano. A atividade artesanal ganha uma importância econômica e social de grande repercussão, na medida em que incentiva a geração de trabalho e renda de forma sustentável. Por toda Paraíba, podem ser encontrada a arte em cerâmica, madeira, tecelagem, renda, produtos de couro entre outros. Isso sem considerar a maior função do solo: a produção de alimentos, que no Estado começa a se destacar dado o avanço na discussão da Agroecologia e da Educação em Solo – produção sustentável de alimentos e arte, que revelam a importância do cuidado para com o solo.

Ao longo do tempo, o aperfeiçoamento das expressões da arte e de suas atividades se deu de forma natural, com base em descobertas e experiências das pessoas envolvidas. Educar para uma vida sustentável, é educar para ampliar a compreensão da terra e do universo. Só assim se pode entender mais amplamente os problemas da desertificação, do desflorestamento, do aquecimento da terra e dos problemas que atingem humanos e animais.

Falando especificamente do solo, da terra, é dela que é extraído o barro, a argila, que moldada pelas mãos experientes e encantadas das mulheres e homens chega aos vasos, utensílios, peças de cerâmica. Até hoje, constatamos indícios da técnica utilizada, como molhar o barro, amassar, modelar e queimar, demonstrando que os nossos ancestrais repassaram às nossas gerações as suas descobertas (VITAL, et al., 2011).

Hoje praticamente todos os municípios da Paraíba possuem alguma produção de artefato feito com argila; o homem ainda é o principal modelador de peças na roda, movida com a força dos pés. Neste trabalho são utilizadas misturas de argila natural, queimadas em forno com temperaturas elevadas. Aqui o destaque é da força feminina, cuja intuição direciona a localização do ambiente adequado para coleta do solo a ser trabalhado.

Neste sentido, a técnica de manipular o barro vem de nossas origens, onde nossos principais colonizadores, o branco, o português, o negro africano e o índio todos trabalhavam com o barro e com a cerâmica. Na Paraíba encontram-se ambientes favoráveis a coleta de barro para confecção de loiças nas cidades de Serra Branca, Arara, Patos, Caaporã e Alhandra. No

cariri e no sertão encontramos um tipo de barro refratário, de coloração branca e vermelha. Trata-se de um barro que serve para confecção de panelas, pois aguentam altas temperaturas.

2.7 PINTURA DANDO FORMA À CIDADANIA

Pintar é uma forma que muitos encontram para descobrir a vida. Pintar para outros significa a porta e um olhar para o mundo. Pintar é um meio de vida e buscando uma nova perspectiva neste contexto se descobre que as cores podem sair da terra. Elas emergem do chão e ganham forma através da mente criativa de quem as manipula.

Neste tempo de descoberta, vemos a grande possibilidade de aproveitamento dessa técnica no EJA pois, vamos estimular novas experiências com um elemento natural, rudimentar que está ao alcance de todos eles. Com o solo é possível gerar arte e a tinta de solo (geotinta) em si ganhará forma através da dedicação dos alunos. Ela terá um novo significado para muitos deles. Ela, certamente, poderá profissionalizar jovens e adultos dentro de uma nova perspectiva de valorização ambiental e humana.

Numa época de globalização e de um avançado estágio tecnológico, associado a um crescimento sem precedentes do desemprego, descobrir alternativas é reabrir possibilidades de profissionalização numa sociedade fortemente estimulada pelo consumo, fortalecendo a cidadania e a força do trabalho. A ocupação, por qualquer que seja ela, valoriza o ser humano no seio da sociedade, melhora a sua auto estima e lhe mostra o caminho do crescimento pessoal, reduzindo as desigualdades sociais.

A proposta é antes de tudo estimular a cidadania. Dar condições para o conhecimento de cada ser humano no meio social, na vida coletiva e estimular individualmente cada um para o despertar de uma nova etapa em suas vidas. A pintura como forma de cidadania é um meio pelo qual se pretende atingir os estudantes, professores e a comunidade num assunto de interesse comum. De ser um canal de comunicação e integração entre pessoas de diferentes idades, camadas sociais e níveis culturais estimuladas pela escola.

A integração a partir da arte, realizada através do uso da arte, em suas diversas fases visa resgatar a autoestima, a cidadania participativa e despertar os sentimentos de socialização e de responsabilidade das comunidades. Trabalhar a arte a partir da terra permite aos alunos da EJA conhecer a importância desse recurso natural, suas características, funções diversidade de cores e possibilidades de usos. Estimula-se assim a criatividade e a cidadania a partir do cuidado com o solo. (MOTA; BARCELLOS, 2007).

Usar o solo como base para dar colorido à vida é potencializar a relação ser humano-Natureza, a partir dos diálogos sobre as características, funções, importância, usos e conservação deste componente integrador fundamental do Meio Ambiente (LEPSCH, 2002; CARVALHO et al., 2007).

Mundo afora a tinta de solo (geotinta) tem sido usada como ferramenta de Educação Ambiental em Solos para sensibilizar as pessoas para o real valor do solo, despertando a “consciência pedológica” (Muggler et al., 2006).

O professor neste caso se coloca na condição de um facilitador da construção da ideia, de uma pessoa mais experiente na linha do conhecimento que deve primar pelo diálogo dos conteúdos, levando o educando a conhecer a si próprio e ao meio em qual faz parte.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

As atividades foram desenvolvidas, em uma sala de aula do 6º Ano EJA, localizada, bairro de Bodocongó, da cidade de Campina Grande/PB, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Itan Pereira com um total de 16 alunos.

As turmas eram constituídas por alunos com características semelhantes, residentes na periferia, nas proximidades das unidades de ensino e uma pequena parcela residentes da zona rural. Os educandos apresentam idades que variam entre 15 e 40 anos. A principal atividade exercida pelos alunos está relacionada ao comércio e aos serviços (empregadas domésticas, padeiros, auxiliares de limpeza, gari, catadores de materiais recicláveis, costureiras e donas de casa) mas a característica principal ainda é o desemprego, o analfabetismo estrutural e limitada infraestrutura urbana. Muitos já frequentaram a escola anteriormente, porém, por curto espaço de tempo.

A metodologia proposta baseou-se em atividades participativas, no construtivismo tendo como referência a experiência de cada um, através da qual o educando foi de fato sujeito do processo de ensino-aprendizagem. A sua vivência em sala de aula se expandiu até chegar a família e daí à própria comunidade. Portanto, tratou-se de uma pedagogia centrada no aluno e que tomou como ponto de partida o seu contexto com possibilidade de expansão.

A pesquisa foi realizada em três fases integradas e independentes, sendo iniciado com a apresentação da proposta, expondo aos alunos a importância de debater e conhecer o solo, apresentando sua importância e participação direta em nossas vidas, no ecossistema, na natureza de uma forma geral. Esse meio de envolvimento visava despertar a curiosidade inicial para que pudessemos, numa fase seguinte, introduzir a ideia da pintura a partir da terra. Numa segunda etapa foi aplicado o questionário de percepção que foi seguido da apresentação de palestras educativas e por fim pela vivência de pintura de tinta de terra.

Para que esta experiência obtivesse êxito, necessitávamos escolher uma turma heterogênea. Ela foi escolhida por ser mista, com faixa etária diferenciada e habilidades diversas (de 15 a 40 anos). Na atividade prática percebemos a necessidade daqueles jovens e adultos estarem cada vez mais presentes, pois a cada tarefa se via nascer o espírito participativo e de cooperação. A troca de ideias é justificável quando se busca colocar em prática uma atividade onde as habilidades direcionam o resultado. Quem sabe mais, ajuda quem sabe menos e no final todos saem ganhando.

Para a realização desse trabalho científico, foi adotado como procedimento metodológico inicialmente, a pesquisa bibliográfica, mediante a leitura de autores pertinentes à temática solo. Utilizamos a pesquisa de campo, efetuando a aplicação de questionários com alunos do 6º ano da EJA equivalente ao Ensino Fundamental, para avaliar o grau de conhecimento da turma sobre a temática solo, cujo resultado direcionou as futuras aulas.

A pesquisa se caracterizou como estudo de caso, pois segundo Yin (2005, p.23), se presta nas investigações de fenômenos sociais contemporâneos e possibilita ao pesquisador lidar com uma ampla variedade de evidências, provenientes de análise documental, visitas de campo, entrevistas e observação participativa.

A aplicação dos questionários aconteceu na sala de aula, sendo entregue a cada aluno uma folha de papel com as questões fechadas, num total de 7 perguntas, abordando a formação do solo, suas características, limitações, fatores de degradação, práticas de conservação e potencialidades.

Os dados dos questionários foram tabulados e serviram de base para a organização das palestras.

3.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.2.1 Palestras educativas

Na leitura dos questionários norteou o planejamento das aulas e palestras. Inicialmente mostramos dados da formação dos solos, suas características, funções, importância e localizamos as particularidades deste recurso natural e sua distribuição em cada região do País e do Estado para despertar nos alunos o interesse por conhecer o solo, seus tipos, buscando popularizar seu estudo como prática de transformação cidadã.

Neste cenário pretendemos trabalhar a cidadania como exercício diário a partir das reflexões e do desenvolvimento de habilidades que possibilitaram o aprendizado sobre o tema solos pelo ato de brincar de forma amadurecida, criando novos elos entre os alunos e o meio em que vivem quando foi considerada a arte da pintura com tinta de terra. Dentro do conjunto, os agentes foram as mãos e o solo.

As aulas primeiramente discorreram sobre a variedade e as características do solo oportunidade em que se mostrou a diferença e a classificação dos solos segundo sua textura (arenoso e argiloso) abordando a necessidade de proteção e a melhor forma de manejo e uso desse recurso natural, as funções do solo na vida, sua importância para a qualidade de vida de

todos, além de comentar sobre as possibilidades para se trabalhar com a terra artesanalmente, como é o caso das loiças de barro e pintura com terra.

Em outros momentos as palestras abordaram desenvolvimento e sustentabilidade, seus caminhos, a necessidade da educação ambiental e os conceitos de economia solidária.

Nessa etapa foi feito comentário sobre as atividades de artesanato como forma de sobrevivência de boa parcela da população, onde os alunos colocaram que o desenvolvimento humano se dá de forma equilibrada com o meio ambiente e apesar de existir uma íntima ligação do homem com o meio-ambiente, prevalece o respeito aos recursos naturais, o que se pode observar nas atividades com barro, com plantas, com fibras, com sementes, todas elas conhecidas dos alunos da EJA.

3.2.2 Vivência de Pintura com Tinta de Terra

Para contextualizar as orientações sobre solos e suas potencialidades na vida humana, foi realizada a vivência de pintura com tinta de terra, uma proposta educativa que resgata o valor do solo como matéria prima para a promoção do artesanato sustentável.

A atividade começou com a apresentação do projeto, detalhando cada fase, onde ficou evidenciado o processo artesanal de produção da tinta que começa com a areia escolhida peneirada, dissolve-se a terra em água e acrescenta-se cola branca. Na fabricação são utilizados terra, cola e água. A pigmentação vai depender da cor da terra, encontramos desde o bege claro até marrom escuro. Outro detalhe é que a tinta produzida artesanalmente dura tanto quanto a tinta produzida industrialmente. Quanto mais a tinta da terra for batida, maior será a sua consistência.

No ponto de vista prático, a turma utilizou a título de experiência pequenas peças de barro que foram coloridas aleatoriamente, sendo observado e comparado o seu resultado. Notou-se a interação da turma, o despertar para essa nova atividade e, principalmente, um rendimento acima do esperado pois o interesse no novo praticamente eliminou as faltas o que faz concluir que a novidade motiva o aprendizado, democratiza decisões e estimula a participação solidária. A experiência nos deixa claro que um jeito novo de ensinar, sem dúvidas é a melhor maneira de aprender.

3.2.3 Apresentação dos dados e sua análise

Encontra-se a seguir algumas considerações importantes, relacionadas aos dados coletados na pesquisa de campo bem como uma análise crítica da realidade encontrada, tendo como parâmetro o aporte teórico levantado na pesquisa bibliográfica que sustenta o presente trabalho.

Primeiramente vem o processo de aprendizado. Em seguida o resgate da autoestima, pois a essa parcela da comunidade estará envolvida na proposta de continuidade e o resultado concreto agregado. Essa comunidade passará de assistida por algo que a ela pertence. Dentro do conjunto, os nossos alunos serão o coração e o cérebro da ideia.

Durante as palestras os participantes foram estimulados a construir no espaço-aula o diálogo, o respeito mútuo, trocas de saberes, de aprender e de ensinar como algo processual construído individual e coletivamente.

O primeiro passo se deu com a descoberta de um tema atrativo que me possibilitasse oportunidade para expandir conhecimento aos alunos sobre um tema que está inserido no próprio cotidiano da comunidade, é discutido em sala de aula, buscado como alternativa de sustentabilidade pelos órgãos públicos.

De início impressionou o desinteresse que foi gradativamente dando lugar a curiosidade, a descoberta, ao espírito participativo da turma e a satisfação com o resultado. Um outro aspecto relevante é que a escola mesmo contando com recursos tecnológicos e pedagógicos, nos dispusemos a colocar em evidência atividades práticas, com objetivos claros e planejados.

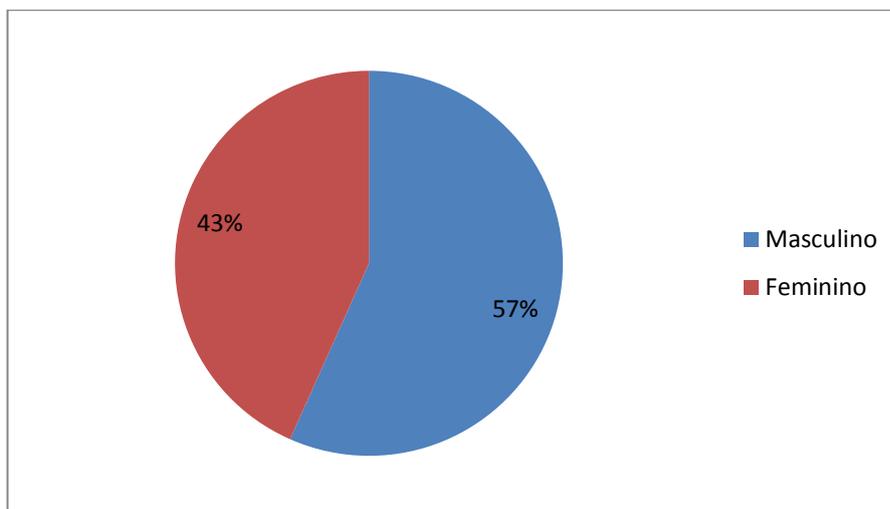
As ilustrações no caso, além de cores, explicitavam com riqueza de detalhes a composição do solo e suas camadas de forma didática e compreensível. Neste contexto, a palestra surgiu como facilitador e a educação ambiental foi aplicada de forma mais direta, com noções de como promover a compreensão de programas sócio ambientais, considerando o ambiente como conjunto das inter-relações que se estabelece entre o mundo natural e o mundo social, formar uma atitude ecológica onde problemas e conflitos que afetam o ambiente. No caso, a linguagem visual motivou a turma a tal ponto que pretendiam iniciar de imediato a atividade prática, a fim de descobrir novas formas de lidar com a terra.

3.2.4 Interpretação dos resultados do questionário

Os resultados da pesquisa encontram-se nos gráficos abaixo. O gráfico 01 informa que a maioria dos estudantes é do sexo masculino, o que diverge dos dados comuns de EJA, onde a

grande maioria dos alunos são mulheres. Soares (2007) traçando o perfil dos alunos da EJA em uma Escola de Bananeiras (PB) observou que 65% dos alunos eram do sexo feminino o que permitiu supor que provavelmente as mulheres têm mais interesse pelos estudos que os homens, ou estes não conseguem conciliar trabalho com estudo, ou dão mais importância ao trabalho do que a educação, e para eles o trabalhar continua sendo o caminho a trilhar.

Gráfico 1 - Gênero dos alunos da turma de EJA objeto do estudo.

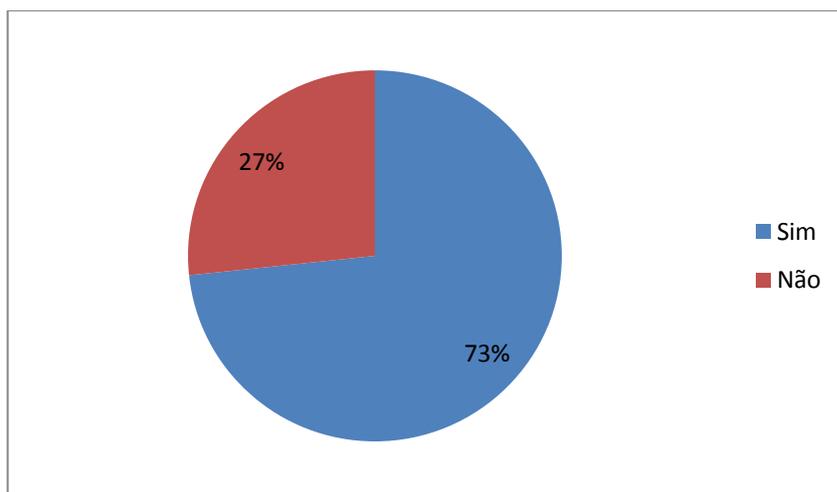


A faixa etária dos alunos que participaram das atividades foi de 15 a 40 anos. Como era de se esperar, os resultados demonstraram um avançado grau de desconhecimento dos jovens com o tema solo, o que pode ser percebido nos gráficos abaixo.

Foi perguntado inicialmente aos alunos se eles sabiam conceituar solo. As respostas foram muitas, desde terra a vida, de plantação a construção evidenciando o saber que trazem de suas vivências, embora necessitado de complementação, pois apontam para designações mais generalistas.

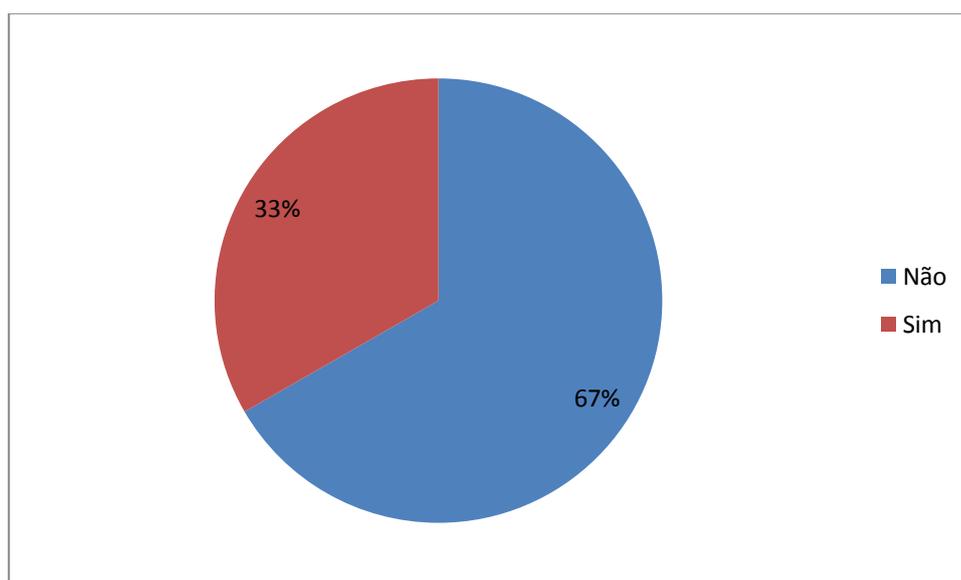
Essas respostas também deram suporte a outra questão: a importância do solo na vida. Pelos dados do gráfico 03 percebe-se que os alunos compreendem que o solo é um recurso natural relevante à manutenção da vida, muito embora eles não tenham conhecimento de como essa importância se evidencia, a não ser na atividade de produção agrícola.

Gráfico 2 - Entendimento da importância do solo para a vida, segundo os alunos.

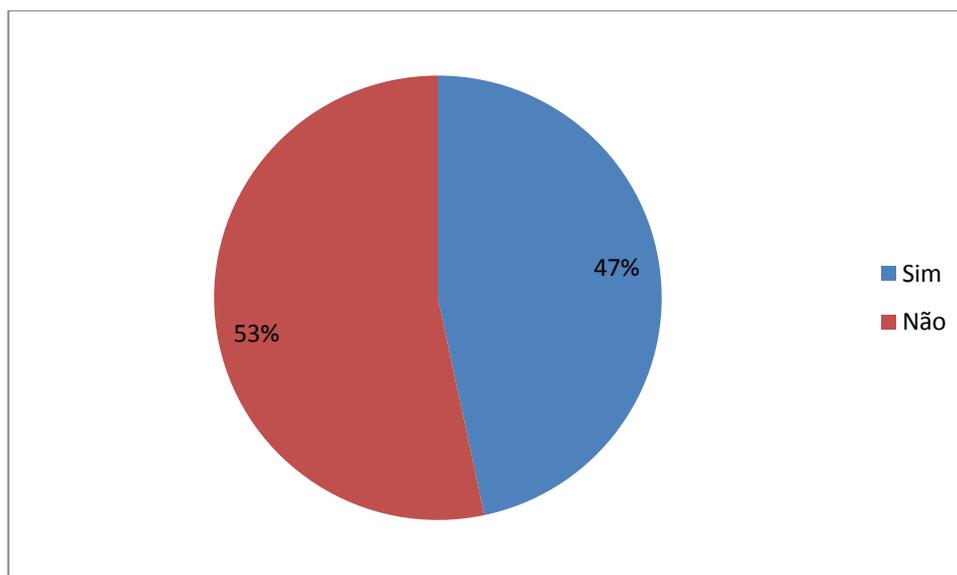


Buscou-se saber se os alunos tinham alguma noção dos fatores de formação e apenas 33% deles afirmou que sim, embora não anotassem nenhum desses fatores. Esse fato indica o quanto o ensino de solos precisa ser enfatizado nas diversas modalidades da educação formal e não formal, como requisito para minimização da degradação que se alastra.

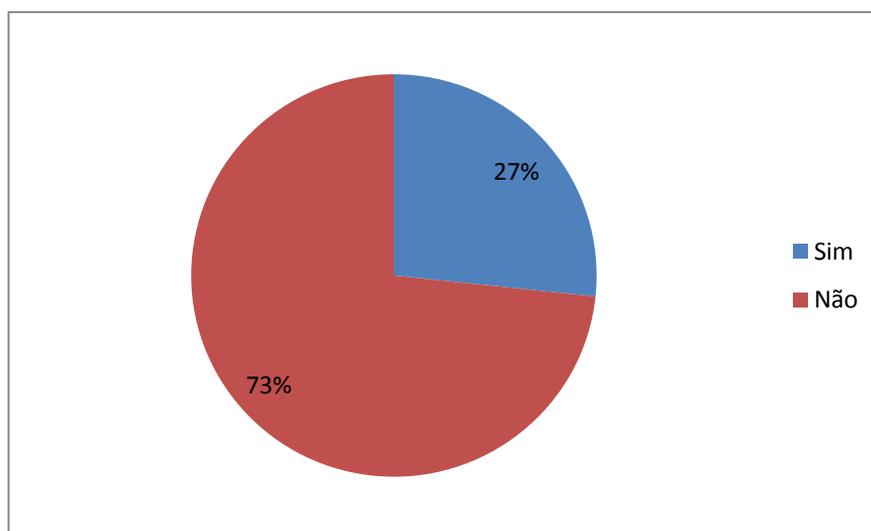
Gráfico 3 - Conhecimento dos fatores de formação do solo pelos alunos.



Outro ponto que a pesquisa abordou foi o conhecimento das características do solo, o que é fundamental para se contextualizar sua importância, necessidades e potencialidades. 53% dos alunos afirmou não conhecer as características do solo e dos 47% que disseram conhecer nenhum soube indicar qualquer característica.

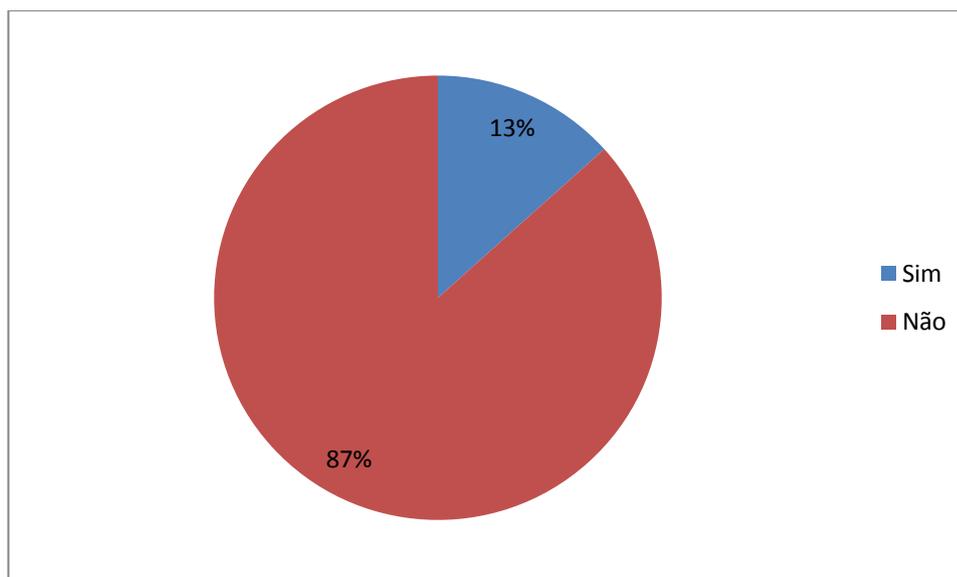
Gráfico 4 - Conhecimento das características do solo pelos alunos.

Considerando o avanço da degradação dos solos, o aumento populacional e a insegurança alimentar que se apresenta dada a essa degradação, a pesquisa perguntou aos alunos se sabiam o que era a degradação dos solos, no que apenas 27% respondeu afirmativamente, embora sem pontuar algum estado que indique degradação ou suas causas.

Gráfico 5 - Conhecimento sobre degradação do solo pelos alunos.

Por fim foi perguntado aos alunos se eles sabiam de algum uso que se faz do solo. Apenas 13% disse conhecer e se remeteu a produção agrícola. Ou seja, o entendimento do solo como material para construção civil, confecção de loiças de barro e base para tinta ecológica não faz parte do cotidiano dos alunos.

Gráfico 6 - Conhecimento dos usos do solo pelos alunos.



3.2.5 Considerações sobre as palestras e vivência de pintura

A proposta de integrar a educação ambiental e educação em solos n turma da EJA foi importante para que as pessoas conseguissem entender e se aperceber da importância dessa temática. A realização das palestras e da vivência da geotinta mostrou-se um passo importante para a conscientização sobre o solo, já que muitos dos participantes eram pessoas ligadas ao trato com a terra, ajudando para o exercício da cidadania.

4 CONCLUSÕES

A realização do presente trabalho nos permite fazer algumas considerações sobre a prática do ensino-aprendizagem na proposta da EJA. Primeiro que diante da carência do grupo, no que se refere a orientações sobre meio ambiente e recursos naturais, possibilidade de trabalho e valorização de suas potencialidades, tínhamos a responsabilidade de introduzir temas que fossem interessantes para o grupo, sem ser monótonos nem infantis, com assuntos pertinentes a seu cotidiano, de uma maneira atrativa e menos formal para que o tema não ficasse prejudicado em seu desenvolvimento.

Trabalhar com a temática solo na perspectiva de geração de emprego e renda pela atividade artesanal da pintura com tinta de terra ao tempo em que se oportuniza a valorização do meio ambiente foi uma escolha que trouxe satisfação pela possibilidade de inovação.

A pesquisa atraiu o interesse dos alunos, bem como o de outros professores que indiretamente participaram das abordagens e atividades práticas. Ressalta-se, ainda, a receptividade dos alunos diante das novas abordagens e da experiência prática com a terra

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A especialização em educação de jovens e adultos, com ênfase em economia solidaria, nos abriu caminhos para novas descobertas em sala de aula, e dentre os assuntos enfocados, estudados e debatidos, despertamos o interesse pelo ser humano, suas potencialidades e limitações, especialmente quando vislumbramos a possibilidade de compreender melhor a sua importância em todos os níveis da existência em sociedade e o direcionamento de suas ações para o equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável.

Como professora de Geografia, me foi despertado o interesse de trabalhar um assunto que, se por um lado atraísse o ser humano, por outro, estimulasse a preservação ambiental, buscasse a sustentabilidade através de uma atividade produtiva e solidária. Estímulo ao educando no contato com a terra, com a preservação ambiental e, principalmente com a produção artesanal. Vi que educar com qualidade sócio cultural e sócio ambiental significa educar para o respeito, educar para o cuidado com o outro e com o meio-ambiente, propostas desafiadoras, intimamente ligadas ao processo educacional do cidadão quanto elemento importante e primordial para a manutenção do eco sistema e preservação da natureza de uma forma geral.

Além do profissional, o projeto me ajudou muito na perspectiva pessoal, como educadora, como professora pois, descobri coisa nova e passei a trabalhar com os alunos de forma diferente. A pesquisa ajudou a ensinar os alunos a valorizar a terra, o trabalho artesanal e o meio-ambiente. Esta resposta prática vislumbra novas oportunidades e dela buscamos a sua própria sobrevivência através do trabalho, seja ele individual ou coletivo.

A proposta direciona a ação para uma educação sustentável numa política de humanização, com interesses mútuos, dentro de um espaço de uso coletivo. O bom desempenho dos alunos depende em grande parte da convicção do próprio professor na capacidade de aprendizagem e da imagem que os estudantes formam sobre a escola. O que nos propusemos a fazer não significa, necessariamente, uma inovação didática, é sim uma teoria articulada com a realidade brasileira onde a natureza é tocada de forma consciente pelo ser humano. É o homem mantendo contato regular com o meio ambiente.

REFERENCIAS

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**, São Paulo: RAAB, n.11, p.9-20, abr. 2001.

ARRUDA, Marcos; QUINTELA, Sandra. Economia a partir do coração. **In:** SINGER Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. p. 317-332.

BOFF, Leonardo. **Tempos de transcendência**: O ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm Acesso em 22/08/2013.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 28/08/2013.

CAPECHE, C. L. e ANJOS, L. H. C. Programa Embrapa escola: educação ambiental com foco em solos para o público estudantil. V Simpósio Brasileiro de Educação em Solos - Curitiba, PR. **Rev. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo**. 2010.

CARVALHO, A. F.; HONÓRIO, L. de M.; ALMEIDA, M. R. de; SANTOS, P. C. dos.; QUIRINO, P. E. **Cores da Terra**: fazendo tinta com terra. Universidade Federal de Viçosa. Programa TEIA. Programa Cores da Terra. Viçosa, 2007.

CHAUÍ, M. A ideologia. Fundamentos históricos e filosóficos da educação, João Pessoa-PB, 2001.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Parecer CEB 11/2000. In: SOARES, Leôncio. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro, 2002.

CURY, C.R.J. A educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 169-201, set. 2002.

DEMO, Pedro. **Conhecer e aprender**: sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DI PIERRO, M. C. A Educação de Jovens e Adultos no Plano Nacional de Educação: Avaliação, Desafios e Perspectivas. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 112, p. 939-959, jul./set. 2010.

DINIZ, Adriana Valéria Santos et al. **A aprendizagem ao longo da vida e a educação de jovens e adultos**: possibilidades e contribuição ao debate. João Pessoa: Editora Universitaria da UFPB, 2010.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. **A qualidade da educação**: conceitos e definições. Brasília, DF: INEP, 2007.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. 2 ed.- São Paulo: Cortez, 2008.

ÉDI, Benini. **Gestão pública e sociedade**: fundamentos e políticas públicas de economia solidária. São Paulo: Outras expressões, 2011.

FEIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Qualidade na educação**: uma nova abordagem. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. (Instituto Paulo Freire; 5/Série Caderno de Formação).

GUERRA, Antônio T. **Dicionário geológico- geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1980. P. 398.

LEPSCH, Igo F. **Formação e Conservação Dos Solos**. Oficina de Textos. São Paulo. 2002.

LIMA, V. C. et al. **O solo no meio ambiente: abordagem para professores do ensino fundamental e médio e alunos do ensino médio**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Departamento de Solos e Engenharia Agrícola. 130 p. 2007.

LUCCI, Elian Alabi. **Território e sociedade no mundo globalizado**: geografia: ensino médio, volume1-Elian Alabi Lucci, Anselmo Lazaro Branco, Cláudio Mendonça. 1. Ed.- São Paulo: Saraiva, 2010.

MOTTA, A. C. V. e BARCELLOS, M. Funções do solo no meio ambiente. In: LIMA, V.C.; LIMA, M. R. e MELO, V. F. **O solo no meio ambiente: abordagem para professores do ensino fundamental e médio e alunos do ensino médio**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Departamento de Solos e Engenharia Agrícola, p. (99-110) 2007.

MUGGLER, C. C., PINTO, F. de A.; MACHADO, A. A. Educação em solos: princípios, teoria e métodos. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**. v. 30, p. 733-740, 2006.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência no Semiárido**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2008.

SINGER, P. (2000). "Economia solidária: um modo de produção e distribuição". In: SINGER, P.; SOUZA, A. (orgs.). A Economia solidária no Brasil; a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto.

SOARES, M. A. F. **Perfil do aluno da EJA/Médio na Escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima**. (Monografia Pós Graduação. UFPB/CFP). Bananeiras, 2007. 56p.

TESCH, Walter. Identidade e desenvolvimento da economia social: fortalecimento da autogestão e da cidadania. In: RI, Neusa Dal (org) Economia Solidária: O Desafio da Democratização das Relações de Trabalho. São Paulo: Artes e Ciência, 1999. P. 43-53.

VITAL, A. de F. M; FURTADO, A. H. da S. e; SILVA, T. Q. da; FREITAS, V. F. COSTA, T. C. dos S. FARIAS, E. S. B. Educação em solos na Escola Agrotécnica de Sumé: Pintura com terra. **Caderno de Agroecologia**, v 6, n. 2. 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de Casos: Planejamento e Métodos**. São Paulo: Editora Bookman, 2005, 212p.